



## Os eté nos super heróis das histórias em quadrinhos<sup>1</sup>

Amanda Gonçalves Alboino<sup>2</sup>

Tércia Montenegro Lemos<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

**RESUMO:** Este trabalho, inserido no Campo de Análise do Discurso tem como objetivo central analisar os eté apresentados pelos personagens de super-heróis das histórias em quadrinhos com ênfase no *Super Homem* e sua dupla identidade. É constatado a importância das máscaras para a construção do etos no super herói tradicional: ao usá-las eles assumem uma identidade diferente da identidade original, não podendo ser dois personagens (eté) ao mesmo tempo. Para o fundamento deste estudo foi apresentada uma introdução da história da análise do discurso para depois ser exposta a noção de etos e cenografia proposta por Maingueneau. Outros autores são apresentados a fim de complementar a bagagem teórica do estudo. “O ser humano experimenta em si mesmo uma dupla natureza.”(SILVA, Manuela).

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Etos; Cenografia; Super-Heróis; Super-Homem.

### 1 INTRODUÇÃO

A análise do Discurso (AD) se desenvolveu a partir da década de setenta, para identificar o papel da linguagem na estruturação das relações de poder na sociedade (FAIRCLOUGH, 2001). Na Grã-Bretanha, estudiosos desenvolveram a chamada “linguística crítica”, e a “linguística sistêmica”. Na França, Pêcheux e Jean Dubois estudaram um novo tipo de abordagem para a análise de discurso, se embasando nos trabalhos do lingüista Zellig Harris e sua reelaboração da teoria marxista sobre a ideologia, feita por Althusser, que acabou por ficar conhecido como Análise do Discurso Francesa (ADF).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Estudante do 4º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. E-mail: [amangalboino@gmail.com](mailto:amangalboino@gmail.com)

<sup>3</sup> Prof. Dra Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará e orientadora do artigo: E-mail: [literatercia3@gmail.com](mailto:literatercia3@gmail.com)



Em 1990, por causa das limitações de algumas teorias em Análise do Discurso (AD), surge a Análise Crítica do Discurso (ACD) tendo como marco a publicação da revista Dijk, “Discourse and Society”. Porém é importante lembrar que houve, um ano antes, publicações de livros a respeito como: “*Language and power*”, de Norman Fairclough; “*Language, power and ideology*”, de Ruth Wodak.

A chamada Análise do Discurso ou Análise de Discursos é definida como um método da lingüística especializado em analisar construções ideológicas presentes no texto (ou discurso).

O discurso, por outro lado, é a prática social de produção de textos. O que quer dizer que todo discurso advém de uma necessidade social, e não individual, de querer se expressar perante o outro que só pode ser analisado considerando o contexto histórico-social em que foi produzido, e que, portanto reflete uma visão de mundo vinculada diretamente à do seu autor e a sociedade em que ele pertence.

O objeto empírico do Discurso é o texto. É na sua superfície que o analista se debruça para procurar as marcas da investigação científica. Entretanto no nosso estudo é preciso focar no discurso que é, verdadeiramente, o objeto da AD.

No ato da comunicação é necessário tornar crível o discurso, através da coerência sintática e semântica de seu conteúdo, dependendo, inclusive da coerência de seu produtor. Foi para entender o papel do indivíduo, personagem ou autor, na construção de um discurso convincente que foi criado a noção do *etos* nos estudos da AD.

## **2 ETHOS**

O conceito de Etos foi retomado no final dos anos 80 pelos analistas do discurso através dos pensamentos dos retóricos antigos como Aristóteles que entendia o etos como “o caráter que o orador deve apresentar em seu discurso para



se mostrar crível”. Isso não quer dizer, necessariamente, o que ele é, mas o que aparenta ser: honesto, simpático, atrapalhado, solidário etc. Aparência essa legitimada não só por suas falas, mas principalmente por suas atitudes.

Mainueneau é quem introduz o estudo do etos na Análise do Discurso, pois cada texto carrega uma individualidade que não pode ser desprezada pelo analista. Ruth Amossy, reitera essa noção observando que “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” da qual nenhuma enunciação está isenta. Patrick Charaudeau, em sua Teoria Semiológica do Discurso, vai mais além, ligando o conceito de etos ao de credibilidade, já que não basta poder tomar a palavra, é necessário ser levado a sério.

Em resumo o etos tem a ver com a construção do “eu” e sua identidade social no enunciado:

A imagem discursiva de si é [...] ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 221).

A construção de personagens da ficção, portanto está carregada desses estereótipos que, embora em alguns casos empobreça a obra, aliada a uma narrativa convincente faz com que o leitor compactue com a realidade que lá se constrói, desse jeito, mesmo as cenas mágicas não são tidas como absurdas. Essa realidade alternativa o que se chama de “cena de enunciação” engloba mais três cenas que Mainueneau propõe chamar de *cena genérica*.

A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma ‘instituição discursiva’: o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica. Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é constituída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. (MAINGUENEAU, 2005, p. 75)



Mas como o receptor poderia compactuar com essa cena fictícia se ela escapa a realidade? Como seria o processo de reconhecimento e a construção de significados para dar sentido a narrativa?

Nas teorias de recepção propostas por Bahktin, Paulo Freire e reforçada por Meditsch quando se trata de criação de novas redes de significações, é importante entender que o saber não pode ser transmitido:

O cérebro humano não é um recipiente onde se possa depositar conhecimentos: a aprendizagem implica numa operação cognitiva, onde quem aprende tem um papel tão ativo quanto quem ensina. (MEDITSH,1997)

Dessa forma o receptor cumpre um papel fundamental para a construção da significação, em que se parte de pressupostos reais (científicos) para se construir o irreal (ficção). Assim a ficção é construída a partir de elementos do real ou do “possível” para que haja o reconhecimento do receptor sobre a realidade daquela narrativa. Segundo Meditsh (1997) “O processo de produção e reprodução do conhecimento depende não só do equipamento cognitivo dos indivíduos, mas também das possibilidades de socialização de experiências.”

A escolha de um gênero literário implica numa escolha da cenografia, que por si só possui subvariações, pois quando se opta pela narração da primeira ou da terceira pessoa, não se está só escolhendo o foco narrativo, mas a perspectiva discursiva, do que ou de quem se fala.

Nas histórias em quadrinhos não poderia ser diferente, pois é possível encontrar nesse gênero, tanto histórias que giram em torno de um só protagonista evidenciado através de recordatórios (discurso autodiegético), quanto em torno de vários personagens de uma vez, ocultando-se a figura do narrador e deixando a história “fluir”.

### **3 O ETHOS DOS PERSONAGENS SUPER-HEROIS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**



As primeiras histórias escritas em quadrinhos, como conhecemos hoje, apareceram com as tiras de *Down Hogan's Alley*, que usou, pela primeira vez, balões representando fala dos personagens, mostrando os integrantes da história em situações engraçadas, criticando a política internacional norte americana do começo do século XX. O protagonista dessa história, *Yellow Kid*, chegou até mesmo a nomear uma tendência jornalística chamada de *Yellow Journalism* (MOYA, 1970; SPIEGELMAN, 2004), caracterizado pela abordagem social e sensacionalista dos acontecimentos do período. Desse modo é possível constatar que as histórias contadas através de quadrinhos evidenciaram um novo tipo de cenografia. Nela é possível encontrar realidades alternativas onde personagens com habilidades especiais, os ditos super-heróis, enfrentando situações de perigo extremo para defender o ideal de justiça e liberdade.

Refletamos agora sobre a importância da máscara para a construção do etos no superherói tradicional: ao usá-la ele assume uma identidade diferente e extra-ordinária, ao mesmo tempo que escondem a identidade original, não podendo ser dois personagens (eté) ao mesmo tempo.

A convenção de super-heróis que usavam máscaras originou-se com a história em quadrinhos Lee Falk's, a partir daí foram surgiram muitas outras histórias de heróis que, para manter sua identidade preservada se utilizavam de máscaras que iam desde as chamadas “máscaras de dominó” que cobrem os olhos e deixam a boca e a mandíbula exposta (exemplos: Zorro, Batman, Robin etc) até as que cobrem o rosto inteiro (exemplos: Homem-Aranha e Pantera Negra). Uma exceção bastante notável é Clark Kent, o Super homem, que não usa máscaras enquanto luta contra o crime, mas usa óculos grandes em sua vida civil.

Se resgatarmos a raiz das palavras *pessoa* e *personagem* encontramos que a sua base etimológica é *persona*, máscara em grego. Podemos considerar, portanto, que a máscara que os heróis usam seja um símbolo concreto da presença do etos de uma pessoa. Usamos uma “máscara” perante a sociedade como forma de



“esconder” nossa verdadeira individualidade. “O ser humano experimenta em si mesmo uma dupla natureza.” (SILVA, Manuela).<sup>4</sup>

A ideia de homens que possuem força superior e autodomínio, capazes de transcender o ser humano comum foi formulada há séculos por Aristóteles, que os considerava não só como justiceiros, mas como a própria personificação da lei:

Há homens tão divinos, tão excepcionais e tão bonitos, que naturalmente, pelo direito dos seus dons extraordinários, são capazes de transcender todo o julgamento moral ou controle constitucional. [...] Não há nenhuma lei que engloba os homens desse calibre: estes são lei. (HUGHES-HALLETT; KNOFF, 2004).

A cenografia, nessa hora, assume uma grande importância na construção do etos desses justiceiros, pois é através de todo o aparato cenográfico, topográfico e cronológico, que torna uma história em quadrinhos um fracasso ou uma febre editorial.

Nietzsche, em sua obra “Assim Falava Zaratustra”, introduz o conceito de “Übermensch” (Super-Homem ou “sobre-homem”), herói que transcende a escravatura da moralidade cristã pela sua vontade de superação. Trata-se do perfeito protótipo para futuras personagens da era moderna.

Se utilizando desse conceito e vivendo uma época em que se buscava um ideal de justiça, que Jerry Siegel e Joe Shuster, no período da Segunda Guerra Mundial, inauguraram a moda dos heróis disfarçados com um uniforme, possuidores de poderes fantásticos e dotados de um alter-ego. Todas estas características, com especial ênfase na dupla personalidade, super-herói reconhecido e cidadão anônimo, foram a chave para o sucesso do *Super Homem*, precedente do planeta imaginário Krypton.

Kal-el é mandado à Terra por seus pais pois o seu planeta, Krypton, está prestes a ser destruído. Ele é encontrado por um casal de fazendeiros, os Kent, na cidade americana fictícia chamada *Smallville* (Pequenópolis) e resolvem criá-lo

---

<sup>4</sup>SILVA, Manuela apud JR. *Kent ou Super Homem* Disponível em:  
<<http://sites.google.com/site/leituraintegraldoquesubjaz/clark-kent-ou-super-homem>>.



como filho dando-lhe o nome terráquio de Clark Kent. À medida que vai se desenrolando a história, aparecem vilões que devem ser derrotados pelo herói ao mesmo tempo em que Clark tenta levar uma vida normal junto com a de outras pessoas.

A partir daí são bem definidos dois etés, o etos de Kal-el, o herói defensor da paz e da lei, e Clark Kent, jornalista desengonçado embora competente, apaixonado por sua colega de trabalho Louis Lane.

A construção do etos desse personagem é o inverso do que correntemente acontece nos outros super-heróis. Em geral os heróis são pessoas comuns, mas por algum incidente ou inquietação interior se tornam justiceiros. Para preservar sua verdadeira identidade eles utilizam máscaras enquanto combatem o crime.



*Na história de Zorro, Don Diego De La Vega, é um herói justiceiro que se veste com máscara e capa para combater os inimigos.*

Com o Super Homem acontece exatamente o inverso. Por se tratar de um extra-terrestre, para que Clark possa manter uma vida social ele precisa esconder seus poderes (super força, raio X, laser etc) através de uma “máscara” que seriam seus óculos grandes. Mais do que isso, ele procura expor para as pessoas um etos contrario ao de um herói: um jornalista desastrado que nunca está presente quando algum desastre acontece. Na história, Clark sempre é repreendido por seu chefe por perder os eventos em que o Super-Homem está combatendo o mal.



Assim o Super-Homem vai de encontro à normalidade do etos dos outros heróis, pois Clark usa máscara diante a sociedade por que só é “ele mesmo” enquanto combate o crime.



*Clark Kenk ou Karl-el inverte a lógica dos super heróis, quando busca na sua “máscara” um meio de viver em sociedade e guardar sua verdadeira natureza extraterrestre.*

É notável como este gênero literário considerado infantil pela maioria das pessoas tem uma bagagem impressionante para o estudo de etos, paratopia e cenografia. Muito mais análises podem ser aprofundadas nos estudos de histórias em quadrinhos, pois esta é uma área literária que é pouco contemplada nos estudos e reflexões acadêmicas.



#### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso** – a constituição do ethos. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 5-79.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 138 – 154.

MEDITSH, Eduardo. **Jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997.

MENEZES, William Augusto. **Estratégias discursivas e argumentação**. In: LARA, Gláucia Muniz Proença (org.). *Lingua(gem), texto, discurso v1: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006. p. 87-105.

LUYTEN, Sônia M. Bibe (org). **Histórias em quadrinhos** – leitura crítica. São Paulo: Paulinas (2ª ed), 1985.

MESSIAS, Alessandro da Silva. **Marcas Enunciativo Discursivas nas histórias em Quadrinhos (HQs): Uma Proposta de Análise de Texto como discurso**, 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/MessiasAS.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011

MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos**. 3ª ed. ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. (org). **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.

MOURA, Sérgio Arruda. **Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas**, 2009. Disponível em: <[http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/08\\_logos31\\_sergioeliana.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/08_logos31_sergioeliana.pdf)> Acesso em: 22 jun. 2011

NOGUEIRA, Luís Carlos. **O mito do super-homem**. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/nogueira-luis-mito-superhomem.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2010

REIMÃO, Sandra Lúcia. **Em instantes** - notas sobre a programação na TV brasileira. São Paulo: Faculdades Salesianas / Cabral Editora Universitária, 1997.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **Para reler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQs**. São Paulo: Paulinas (Coleção Comunicar), 2002.



SILVA, Manuela apud JR. **CLARK Kent ou Super Homem**. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/leituraintegraldoquesubjaz/clark-kent-ou-super-homem>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

SIMÕES, Alex Caldas. **AD e HQ, Lex Luthor sob a luz das teorias Lingüísticas**. Disponível em: <[http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/4/ensaios/Alex\\_Simoes.pdf](http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/4/ensaios/Alex_Simoes.pdf)> 2010. 29 out. 2011.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos da Teoria e Pesquisa da Comunicação da Mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 2004. cap.VII. p. 326-330

SOUZA, Tânia C. Clemente de. **Discurso e Imagem**: perspectivas de análise do não verbal. In: <http://www.uff.br/mestcii/tania1.htm>

SUPERHERO. Disponível em: <<http://www.search.com/reference/Superhero>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

WIKIPEDIA. **Ethos**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

WIKIPEDIA. **Análise do Discurso**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise\\_do\\_discurso](http://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_do_discurso)>. Acesso em: 22 jun. 2011.